

"Oh Selva"

Reflexões sobre "La Vorágine" e os manifestos de ancestralidade e resistência amazônica na Colômbia contemporânea.

A exposição "**Oh Selva...**" convida a uma viagem conceptual pela Amazônia colombiana através das obras de três artistas contemporâneos e de uma das obras mais simbólicas e icônicas da literatura latino-americana, baseada nos ecos da exploração da borracha na região, nas cicatrizes da colonização e nas lutas persistentes pela preservação da memória ancestral e da identidade, num ambiente cada vez mais ameaçado por uma civilização que resiste à assimilação cultural. A selva, neste caso, não é apenas o cenário natural da narrativa, mas uma personagem central carregada de simbolismo que reflete sobre a paisagem física, as suas tensões históricas e o contexto ecológico e cultural, especificamente da região de Chorrera na Amazônia colombiana.

"Oh selva, esposa do silêncio, mãe da solidão e da névoa! Que destino maligno me deixou prisioneiro na tua prisão verde?"

Assim reza um dos trechos mais emblemáticas do romance *La Vorágine* (1924) de José Eustasio Rivera, um marco na literatura colombiana que denuncia a brutalidade da exploração da borracha, a vida austera na selva amazônica e a difícil luta entre civilização e barbárie, entre a natureza indomada e as forças destrutivas do homem. Este conceito está refletido no título da exposição.

Este texto emblemático serviu de inspiração para os artistas Felipe Arturo, Aimema e o coletivo de cinema La Vulcanizadora explorarem os temas da identidade, da resistência e da relação simbiótica e aleatória entre o ser humano e o seu meio natural.

No conceito curatorial de "**Oh Selva...**" sustentam-se as ideias de uma selva amazônica repleta de contradições, um lugar que encerra o homem na sua imensidão e brutalidade, mas que ao mesmo tempo resiste indomavelmente. Esta tensão é exemplificada na obra do artista **Felipe Arturo**, cujas esculturas feitas a partir dos livros de *La Vorágine* são simultaneamente uma homenagem e uma crítica visual da história da região. Arturo utiliza a materialidade do livro para reinterpretar as tensões entre a cultura impressa e a natureza. A sua instalação convida-nos a refletir sobre a violência que caracteriza a Amazônia, desde a exploração dos recursos naturais às lutas contemporâneas pela sobrevivência das comunidades amazônicas e do seu meio ambiente.

As peças de Arturo fazem um uso inteligente da materialidade dos livros, evocando a fragilidade do conhecimento e da história, mas também a sua capacidade de resistência. Na sua obra, a selva não é apenas um local de isolamento e opressão, como Rivera descreve no

seu romance, mas um local de poder e ancestralidade, repleto de vozes que desafiam a narrativa de dominação e o desejo superficial de controlar a região.

Aimema Auai: Memória e Ancestralidade Amazônica

A exploração da identidade e da memória coletiva é um eixo central na obra da artista amazônica Aimema, originária de uma comunidade de La Chorrera, no sul da Amazônia. As suas instalações e pinturas reinterpretem as experiências históricas do seu coletivo e da diáspora amazônica através da memória ancestral, transmitida verbal e sensorialmente pelos sábios do seu povo. A narrativa de *La Vorágine* ressoa nas peças de Aimema, que aborda uma história de resistência à exploração, não só dos recursos, mas também da terra, das comunidades indígenas, das suas tradições e da própria humanidade da sua etnia.

Aimema utiliza a geometria ancestral, a iconografia mitológica e representações pictóricas que evocam o simbolismo e a estrutura cultural de *la maloca*, um espaço comunitário que no seu trabalho se traduz em representações pictóricas e instalações imersivas. As *malocas*, estruturas tradicionais das comunidades amazônicas, não são apenas casas, mas representações do universo onde se passam os acontecimentos mais importantes da vida social, política e religiosa. Na obra de Aimema, *la maloca* torna-se um microcosmos de resistência e continuidade cultural, um espaço onde passado e presente dialogam e de onde são transmitidas as reflexões espirituais, nucleares e históricas do seu povo.

A relação de Aimema com *La Vorágine* vai para além de uma referência literária, recontextualizando a memória da exploração e oferecendo uma visão pessoal, onde a memória se reflete através do olhar das comunidades violentadas em nome da civilização. No seu trabalho, a selva é um espaço colonizado e explorado, mas que continua a proteger de forma resiliente o conhecimento ancestral que permitiu ao seu povo prevalecer.

La Vulcanizadora: O arquivo da resistência cinematográfica

O coletivo cinematográfico La Vulcanizadora, composto pelos cineastas **María Rojas** e **Andrés Jurado**, traz o diálogo entre a memória e a resistência para uma linguagem audiovisual contemporânea. O seu trabalho explora os efeitos persistentes do colonialismo, o arquivamento da memória histórica e as narrativas de revolução e resistência, tudo através de uma lente crítica que mistura ficção científica e documentário expandido. No contexto da exposição "**Oh Selva...**", o coletivo apresenta dois filmes realizados por membros da etnia Okaina, originários da região amazônica.

Os filmes **Tarro Vacío**, realizado por **Vitilio Iyokina Gittoma**, e **La Trampa**, realizado por **Ferney Yyokina**, ambos membros da etnia Okaina, apresentam histórias de luta e sobrevivência.

Tarro Vacío conta a história de um jovem Okaina-Yvuuha enquanto enfrenta os desafios da vida em Bogotá, enfrentando a rejeição militar, as crises urbanas e uma pandemia, o que desencadeia uma viagem de autodescoberta e revitalização cultural. Por outro lado, *La

Trampa* aborda a relação mítica entre os caçadores Okaina e o jaguar, evocando a luta entre a natureza e as forças destrutivas que devastaram a selva. Ambas as obras são autobiográficas e oferecem um olhar cru e contemporâneo sobre as realidades enfrentadas pelos povos amazônicos de hoje.

A exposição "**Oh Selva...**" não só homenageia *La Vorágine* no centenário da sua publicação (fevereiro de 1924), como também utiliza a sua narrativa como plataforma para rever e criticar as realidades contemporâneas da Amazônia. A brutalidade e o conflito entre o homem e a natureza descritos por Rivera são recontextualizados nas obras dos artistas participantes para abordar problemas atuais como a desflorestação, a crise ambiental e a marginalização das comunidades indígenas.

No seu conjunto, a exposição convida o espectador a questionar a sua relação com a natureza e a história, a compreender a selva como um lugar carregado de memória e resistência e a reconhecer as vozes que foram historicamente silenciadas. A floresta amazônica colombiana, neste caso, não é apenas um espaço físico, mas um símbolo da luta constante pela sobrevivência e dignidade num mundo que muitas vezes a vê como um recurso explorável.

"...Deixa-me fugir, ó selva, das tuas trevas doentias formadas com o sopro dos seres que agonizaram no abandono da tua majestade."

Francisco Arévalo